



PREVALÊNCIA DE DOR PÉLVICA EM UNIVERSITÁRIAS DA REDEUNIFTC

MARIA OLIVIA CASTRO GOES¹
NALANDA CERQUEIRA LIMA²
NICOLE DOS SANTOS COUTO³
DARCTON SOUZA DE AGUIAR⁴

RESUMO

Introdução: A Dor Pélvica é uma condição comum entre as mulheres em idade reprodutiva, definida como dor pélvica não menstrual resultado de uma complexa interação entre os sistemas gastrointestinal, urinário, ginecológico, musculoesquelético, neurológico, psicológico e endócrino, influenciado ainda por fatores socioculturais. **Objetivo:** Identificar a prevalência de dor pélvica em mulheres da rede UNIFTC. **Metodologia:** Pesquisa observacional quantitativa, de corte transversal, realizada com as acadêmicas de uma instituição particular de Salvador. **Resultados:** Foi aplicado um questionário com um total de 40 estudantes, sendo 24 do curso de Fisioterapia e 16 do curso de Nutrição, sobre o perfil dessas mulheres, a maior parte delas têm entre 20 a 29 anos e conciliam estudo e trabalho. A dor pélvica foi dominante em 14 das mulheres entrevistadas, sendo que apenas 4 apresentam diagnóstico relacionado, a maioria relatou intensidade da dor menor que 5, não se tornando limitante para elas, sobre a sensação da dor destacou-se a dor do tipo “pontada” e todas relatam que a dor melhora em repouso podendo se manifestar em algumas atividades específicas. **Conclusão:** A dor pélvica crônica é uma doença que afeta uma grande porcentagem das mulheres, contudo nem todas conseguem ter um diagnóstico

¹ Graduando em Nutrição do Centro Universitário UNIFTC, Campus de Salvador. E-mail: livia_12castro@hotmail.com.

² Graduando em Fisioterapia do Centro Universitário UNIFTC, Campus de Salvador. E-mail: nalandalimaa@gmail.com.

³ Graduando em Fisioterapia do Centro Universitário UNIFTC, Campus de Salvador. E-mail: nicolecouto553@gmail.com

⁴ Docente do Centro Universitário UNIFTC, Campus de Salvador. E-mail: darcton.aguiar@ftc.edu.br

afeta uma grande porcentagem das mulheres, contudo nem todas conseguem ter um diagnóstico preciso, à vista disso, sem um tratamento adequado.

Palavras-chave: Dor pélvica. Mulheres. Endometriose. Estudo da Dor.

ABSTRACT

Introduction: Pelvic Pain is a common condition among women of reproductive age, defined as non-menstrual pelvic pain resulting from a complex interaction between the gastrointestinal, urinary, gynecological, musculoskeletal, neurological, psychological and endocrine systems, also influenced by sociocultural factors. **Objective:** Identify the prevalence of pelvic pain in women in the UNIFTC network. **Methodology:** quantitative, cross-sectional observational research, carried out with academics from a private institution in Salvador. **Results:** A questionnaire was applied to a total of 40 students, 24 from the Physiotherapy course and 16 from the Nutrition course, about the profile of these women, most of them are between 20 and 29 years old and combine study and work. Pelvic pain was dominant in 14 of the women interviewed, with only 4 having a related diagnosis, the majority reported pain intensity lower than 5, not becoming limiting for them, regarding the sensation of pain, the “stinging” type of pain stood out. ” and all report that the pain improves at rest and can manifest itself in some specific activities. **Conclusion:** Chronic pelvic pain is a disease that affects a large percentage of women, however not all are able to have an accurate diagnosis, as a result, without adequate treatment

Keyword: Pelvic pain. Women. Endometriosis. Study of Pain.

1. INTRODUÇÃO

A Dor Pélvica é uma condição comum entre as mulheres em idade reprodutiva, definida como dor pélvica não menstrual resultado de uma complexa interação entre os sistemas gastrointestinal, urinário, ginecológico, musculoesquelético, neurológico, psicológico e endócrino, influenciado ainda por fatores socioculturais (Nogueira *et. al.*, 2006).

A Prevalência estimada de Dor Pélvica Crônica (DPC) é de 3,8% em mulheres de 15 a 73 anos (superior a enxaqueca, asma e dor nas costas), variando de 14 a 24% em mulheres na idade reprodutiva, com impacto direto na sua vida conjugal, social e profissional, o que se torna um sério problema de saúde pública (Miranda *et.al.*, 2009).

É estimado que a DPC seja responsável por 10% de todas as consultas ginecológicas. É a indicação de 12% de todas as histerectomias e mais de 40% das laparoscopias diagnósticas em Ginecologia. Cerca de 60% das mulheres com DPC nunca receberam um diagnóstico específico e 20% nunca passaram por nenhuma investigação para esclarecer a causa da dor (Miranda *et.al.*, 2009).

A DPC pode ter etiologia ginecológica ou não ginecológica. Dentre as etiologias ginecológicas relevantes, destacam-se a endometriose, a adenomiose, os miomas uterinos, as varizes pélvicas e as aderências. As não ginecológicas mais prevalentes são a síndrome do cólon irritável, a obstipação intestinal crônica, a cistite intersticial, as desordens psicológicas e as alterações musculoesqueléticas (Miranda *et.al.*, 2009)

De acordo com Barcelos *et al.* (2010) mulheres com DPC apresentaram pior qualidade de vida (QV) quando comparadas a mulheres sem DPC. Depressão e intensidade da dor relacionaram-se negativamente à QV de mulheres com DPC. Dessa forma, a avaliação e o tratamento de sintomas depressivos e da dor devem estar entre as prioridades que objetivem melhorar a QV de mulheres com DPC.

A dor aguda pode ter origem a partir de um processo identificável e sua evolução pode ser evitada, porém a dor crônica não apresenta origem identificável e suas características são peculiares. A DPC relacionar-se a

diversos sistemas corporais, além disso estará associada aos transtornos de depressão, de ansiedade e relatos de história de abuso sexual (Felipe, 2020, p.10).

O tratamento da DPC é focado no próprio diagnóstico, mesmo quando é especificado, como síndrome da bexiga dolorosa, síndrome do intestino irritável, endometriose e aderências, a resposta é frustrante. Compõem o arsenal terapêutico anti-inflamatórios não esteroides (AINES), bloqueadores musculares, contraceptivos hormonais, amitriptilina e outros antidepressivos, anticonvulsivantes e psicoterapia. (Santos *et. al.*, 2014).

Essa dor/incômodo que as mulheres com DPC sentem, quando associada a outros sintomas, tem possibilidade de significar uma doença com maiores complicações. Vale ressaltar que, a partir do momento que essa dor persiste e vai intensificando, a ida ao ginecologista é indispensável, pois, o quanto antes entender e tratar essa dor, menores as chances de aumento.

O objetivo deste estudo foi identificar a prevalência de dor pélvica em mulheres acadêmicas de uma instituição particular de Salvador.

METODOLOGIA

Trata de um estudo observacional quantitativo, de corte transversal, realizado com as acadêmicas de uma instituição particular de Salvador do curso de fisioterapia e nutrição, o período de coleta foi em setembro de 2023, utilizado como critério de inclusão mulheres acima de 18 anos e de exclusão mulheres abaixo de 18 anos, fizeram cirurgia recente durante o período de 3 meses, que estejam no período menstrual ou com condições inflamatórias genitais. Foi aplicado um questionário estruturado e elaborado pelos pesquisadores baseado no questionário internacional de avaliação da dor pélvica recomendado pela associação internacional de dor pélvica (IPPS), validado para língua portuguesa (Poli-neto *et. al.* 2016).

A pesquisa ocorreu seguindo os preceitos éticos instituídos na resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), onde foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), como anuência do sujeito da pesquisa e/ou de seu representante legal,

livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação, após explicação completa e pormenorizada sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais de riscos e o incômodo que esta possa acarretar, formulada em um termo de consentimento, autorizando sua participação voluntária no experimento. A pesquisa foi submetida ao comitê de ética e pesquisa do Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia (IMES), com o parecer de aprovado sob o nº 6.205.359.

RESULTADO

Foi realizada a avaliação da DPC em estudantes universitárias da Rede UniFTC, Campus Salvador, com um total de 40 estudantes entrevistadas, sendo 24 do curso de Fisioterapia e 16 do curso de Nutrição. Dentre essas participantes, 38 delas têm entre 20 a 29 anos e apenas 2 apresentaram ter entre 30 a 40 anos. Dessas mulheres, 15 apenas estudam e as outras 25 estudam e trabalham.

Item	N	%
Total	40	100%
Curso		
Fisioterapia	24	60%
Nutrição	16	40%
Faixa etária		
20 a 29 anos	38	95%
30 a 40 anos	2	5%
Estuda/trabalha		
Apenas estuda	15	37,5%
Trabalha e estuda	25	62,5%

Fonte: Autoria própria, 2023.

TABELA 2- RELAÇÃO DAS PARTICIPANTES

Item	N	%
Total	40	100%
Sente dor pélvica	14	35%
Não sente dor pélvica	26	65%

Fonte: Autoria própria (2023)

O recorte apresentou que entre as 40 mulheres entrevistadas, 14 delas relataram sentir dor pélvica e as outras 26 mulheres referem não sentir dor pélvica.

TABELA 3- RELAÇÃO DE DIAGNÓSTICO

Item	N	%
Total	14	100%
Não apresenta diagnóstico	10	72%
Teratoma	1	7%
Endometriose	1	7%
Bexiga hiperativa e constipação	1	7%
Cálculo renal	1	7%

Fonte: Autoria própria (2023)

Das 14 mulheres com prevalência de dor pélvica, 10 não apresentaram nenhum diagnóstico; enquanto as 4 restantes apresentaram diagnóstico, sendo eles: 1 teratoma, 1 endometriose, 1 bexiga hiperativa e constipação e 1 cálculo renal.

TABELA 4- TEMPO E INTENSIDADE

Item	N	%
Total	14	100%
Tempo		
3 a 6 meses	3	21%
6 a 12 meses	1	7%
Mais de um ano	10	72%
Intensidade		
1 a 5	9	64,3%
5 a 10	5	35,7%

Fonte: Autoria própria (2023)

O tempo e intensidade relacionados à dor pélvica por essas mulheres demonstra que 3 sentem dores entre 3 a 6 meses, 1 de 6 a 12 meses e 10 delas escondem a dor por muito tempo, passando de um ano, já em relação a intensidade conforme a escala de dor 1-5 e 5-10, a maioria, sendo um total de 9 dessas mulheres apresenta intensidade entre 1-5, enquanto as outras 5 entre 5-10.

TABELA 5- ACOMPANHAMENTO/TRATAMENTOS

Item	N	%
Total	14	100%
Ginecologista	8	57,1%
Analgésico	5	35,7%
Dieta	4	28,5%
Urologista	2	14,2%
Fisioterapia	1	7%

Fonte: Autoria própria (2023)

Observou-se que há uma prevalência do tratamento da dor pélvica com ginecologista onde foi sinalizado por 8 participantes, no entanto, 5 delas fazem uso de analgésicos, 4 dieta, 2 urologista e 1 fisioterapia.

TABELA 6- SENSÇÃO DA DOR

Item	N	%
Total	14	100%
Pontada	11	78,5%
Pulsante	8	57,1%
Queimor	5	35,7%
Pesada	4	28,5%
Punhalada	3	21%
Facada	3	21%

Fonte: Aatoria própria (2023)

Sobre a sensação de dor, percebe-se que há prevalência no tipo “pontada” sinalizado por 11 participantes, seguida por 8 relatos de dor “pulsante”, 5 “queimor”, 4 “pesada”, 3 “punhalada” e 3 “facada”.

TABELA 7 - REAÇÕES DA DOR

Item	N	%
Total	14	100%
Dor Melhora em repouso	14	100%
Dor piora após atividades prolongadas	3	21%
Dor durante o ato sexual	8	57,1%
Latejamento após o ato sexual	5	35,7%
Problemas conjugal	7	50%
Dor ao sentar	2	14,2%
Impedimento na realização de atividades	5	35,7%
Episódios de dor forte que cessam espontaneamente	7	50%

Fonte: Aatoria própria (2023)

Na reação à dor, por mais que tenha sido relatado por todas que a dor melhora em repouso, 3 delas relatam que a dor piora após atividades prolongadas, 8 dor durante o ato sexual, 5 latejamento após o ato sexual, 7

problemas conjugal, 2 dor ao sentar, 5 impedimento na realização de atividades e 7 episódios de dor forte que cessam espontaneamente.

DISCUSSÃO

A pesquisa identificou que a maioria das mulheres em fase reprodutiva, e que sentem dor pélvica, costumam frequentar o ginecologista ou fazem tratamento por via medicamentosa. Quando a mulher ajuda a esclarecer o local da dor, a sua intensidade e o que pode estar associado, facilita o diagnóstico, o qual pode ser de origem ginecológica ou não ginecológica, sinalizando uma doença.

As mulheres que seguem orientações do ginecologista e fazem uso de analgésicos para evitar maiores complicações e proliferações desta situação, apresentaram menor intensidade de dor.

Apesar da maioria das participantes relatar ter presença da dor há mais de um ano, os resultados obtidos mostram que a maioria delas ainda não tem nenhum diagnóstico que justifique a causa dessa dor.

Outros estudos também mostram que cerca de 60% das mulheres com DPC nunca receberam um diagnóstico específico e 20% nunca passaram por nenhuma investigação para esclarecer a causa da dor (Miranda *et.al.*, 2009).

A dor pélvica é definida como dor abaixo da cicatriz umbilical com duração de no máximo cinco dias, representa uma queixa complexa e apresenta um amplo espectro etiológico, podendo ser de origem ginecológica ou não ginecológica. Para um melhor diagnóstico, é necessário realizar uma ultrassonografia já que a dor pode ser proveniente de origem ginecológica, subdivididas em anexiais e uterinas, e não ginecológicas, classificadas pelos sistemas orgânicos acometidos (Câmara *et. al.*, 2020).

A prevalência da dor pélvica entre as entrevistadas é a do tipo pontada e tipo pulsante. Além dessas, outras sensações também foram descritas pelas tais como: queimor, pesada, punhalada e facada. Em relação a reação da dor, apesar das entrevistadas alegarem que a dor melhora em repouso, foi relatado que também existe dor durante o ato sexual, latejamento após o ato sexual, além de episódios de dor forte que cessam espontaneamente, relatam também passar por problema conjugal decorrente disso, e até impedimento na realização de atividades.

A dor pélvica crônica pode decorrer de doenças não só ginecológicas, as também de afecções gastrintestinais, urológicas e musculoesqueléticas, além disso, pode ser definida como dor pélvica não menstrual ou não cíclica, com duração de pelo menos seis meses, suficientemente intensa para interferir em atividades habituais e que necessita de tratamento clínico ou cirúrgico (Nogueira; reis; neto 2006; carneiro *et. al.*, 2019).

Apesar das síndromes dolorosas acometerem adolescentes ou mulheres na pós-menopausa, a maior incidência está entre as mulheres em fase reprodutiva. Para os autores a DPC tem natureza multifatorial e, em decorrência da complexa inervação da pelve, o acometimento de diferentes órgãos e sistemas pode levar a uma mesma manifestação clínica. (Ribeiro; abdala-ribeiro eras, 2020).

O estudo apresentou a comparação quanto ao nível educacional/cultural das participantes, sendo essencial uma análise da influência do ambiente da academia no sentido da busca pela prevenção e tratamento da dor pélvica. Não houve dados suficientes para comparar mulheres na menopausa por causa da baixa incidência de acadêmicas quinquagenárias, devendo, nos próximos estudos, analisar as professoras dos cursos avaliados.

CONCLUSÃO

A dor pélvica crônica é uma doença que afeta uma grande porcentagem das mulheres, contudo nem todas conseguem ter um diagnóstico preciso, à vista disso, sem um tratamento adequado. O papel do clínico é fundamental para evitar procedimentos desnecessários como cirurgias, fazer um diagnóstico preciso, designar um tratamento condizente, identificar fatores de riscos para que não venha a progredir, auxiliar na prevenção, apurar os mecanismos fisiológicos na intenção de se obter tratamentos mais eficazes, reduzindo a dor e o incômodo.

Dado o exposto, é de grande relevância conhecer o perfil dessas mulheres para uma assistência objetiva, fechar o diagnóstico porque ajuda a esclarecer sobre a dor pélvica que muitas mulheres sentem. Essa dor/incômodo, quando associada a outros sintomas, tem possibilidade de significar uma doença

com maiores complicações, tendo grandes chances de infertilidade. Vale ressaltar que, a partir do momento que essa dor persiste e vai intensificando, a ida ao ginecologista é necessária, pois, o quanto antes entender e tratar essa dor, menores as chances de aumento. Sendo imprescindível fornecer subsídios ao clínico para um tratamento adequado.

REFERÊNCIAS

AIELLO, Nathalia. Investigação e caracterização da dor pélvica crônica em funcionárias de uma instituição particular de ensino superior do município de Bragança Paulista. 2011. Disponível em: <https://lyceumonline.usf.edu.br/salavirtual/documentos/2235.pdf>. Acesso em: 14 abr.2023

BARCELOS, Priscila. *et al.* Qualidade de vida de mulheres com dor pélvica crônica: um estudo analítico transversal. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**. São Paulo, maio. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgo/a/FrCjF78cMT3gttqRyZzmdtB/?lang=pt#>. Acesso em: 14 abr. 2023.

CARNEIRO, E.C. *et al.* Dor pélvica crônica feminina em relato de experiência: o singular norteando conduta. **Revista Nursing**, ed. 22, p. 253, 2019. Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/508/510>. Acesso em :16 nov. 2023.

COSTA, Ronaldo. tratamento homeopático na síndrome dolorosa pélvica crônica relacionada à prostatite: relato de caso. **associação paulista de homeopatia**. São Paulo, 2021. Disponível em : <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/08/1282900/tcc-ronaldo-d-da-costa-2.pdf>. Acesso em : 16 nov. 2023.

FELIPE, A. P. Atuação da dor pélvica crônica feminina: uma revisão. Rio Verde, GO. dez, 2020. Disponível em: <https://www.unirv.edu.br/conteudos/fckfiles/files/Andressa%20Felipe%20Pamplona.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2023.

MIGUEL, J. D. *et al.* Análise de 230 mulheres com dor pélvica crônica atendidas em um hospital público. **Revista dor**, Goiás, set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgo/a/fKQjFhfJ4RvdQMgbMbsJHSj/?lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2023.

MIRANDA, Renata. *et al.* Avaliação postural em mulheres com dor pélvica crônica em mulheres. **Rev Bras Ginecol Obstet**, jul, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgo/a/s7FrFVWhPdFYxvnLVQpY9mD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 abr.2023

NOGUEIRA, Antônio; REIS, Francisco; NETO, Omero. Abordagem da dor pélvica crônica em mulheres. **Rev Bras Ginecol. Obstet**, dez, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgo/a/fKQjFhfJ4RvdQMgbMbsJHSj/?lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2023.

POLI-NETO, Omero *et al.* Transculturação e validação do questionário de satisfação do paciente para a língua portuguesa para mulheres com dor pélvica crônica. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 38, n. 9, p. 443-449, set, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgo/a/DcVZ3qDmv8dg8CjDpKXCWhq/abstract/?format=html&lang=pt>. Acesso em : 14 set. 2023.

SILVA, Carla *et al.* Experiências das mulheres quanto às suas trajetórias até o diagnóstico de endometriose. **Esc. Anna Nery**, v. 25, n. 4, jul 2021. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452021000400219&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2023.

ZAKKA, Telma *et al.* Questionário para avaliação de dor pélvica. The International Pelvic Pain. Jan, 2010. Disponível em: <https://www.lifespan.org/sites/default/files/lifespan-files/documents/centers/womens-medicine-collaborative/pelvic-pain-society-h-and-p-form-portuguese.pdf> Acesso em: 16 nov 2023.